

HISTÓRIA E IMAGENS: UMA ANÁLISE DA OBRA “OS FILHOS DE CAIM” DE BRONISLAW GEREMEK

Claudinéia Justino FRANCHETTI - UEM

Este trabalho visa analisar as representações da pobreza existente nas cidades francesas, no início da Era Moderna. Para isso, utilizei as gravuras de Jacques Callot presentes na obra de Bronislaw Geremek¹ “Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia – 1400-1700”. Estudei o modo como os homens pobres aparecem nas literaturas e gravuras que os retratam nos ambientes dessas cidades, realizando uma análise centrada na história cultural. No resultado da pesquisa foi concluído que, as literaturas e imagens elucidadas, que eram objetos de poder da elite, deram sustentação a difusão da positividade do trabalho, propondo uma disciplinarização da mão-de-obra ociosa, a medida que, alertava à sociedade francesa para a restrição das esmolas.

A partir dos aspectos elucidados, é viável analisar a correlação texto/imagem. Dessa forma, em um primeiro momento, trabalharei com a gravura que tem como tema “*The Hospital*”(1632) e que faz parte da coleção *Lês petites misères de la guerre*. Num segundo momento trabalharei a gravura “*Capitano de Baroni*”(1622) que faz parte da coleção *Les Gueux*, ambas criadas por Jacques Callot e presentes, como ilustração da obra “*Os filhos de Caim*” de Bronislaw Geremek.



Na gravura acima, que traz como tema “*The Hospital*”, Geremek a intitula como “Inválidos nas portas do hospital à espera de esmola”. Nesta gravura são visíveis num primeiro plano, cerca de 24 pessoas no pátio do hospital. À porta do hospital há duas pessoas que trajam roupas semelhantes às de sacerdotes. Espalhados pelo pátio, podemos ver uma grande

quantidade de aleijados e mendigos que se encontram em primeiro plano na imagem. Esses personagens estão mal trajados, quase todos possuem chapéu, e em alguns desses chapéus possui um pena, que para a sociedade da época era símbolo de mendicância. Os mendigos que se aproximam de um suposto sacerdote, à porta do hospital, encontram-se descalços. Alguns personagens que estão espalhados pelo pátio carregam consigo uma espada, o que se liga ao trabalho de Callot, que possui uma vasta obra sobre *Lês petites misères de la guerre*. Relacionando a esses últimos personagens Geremek salienta uma categoria “os *drillers* ou *narquois*, que é composta por ex-soldados que esmolam armados”.

Nesta imagem é saliente também uma certa hierarquização social, a medida que, um grupo de aleijados e mendigos se aproximam de um personagem capaz de lhes conceder alguma ajuda, para isso lhes apresentam uma carta, provavelmente uma carta de autorização para esmolar, que a literatura francesa aborda como um dos meios mais fáceis de originar fraudes, já que as cartas eram facilmente falsificadas. Um dos aspectos mais salientes dessa imagem consiste na utilização do cajado. Vale dizer que na coleção elaborada por Callot, *Les Gueux* a presença do cajado acompanha quase todos os personagens representados. Nesta gravura também, servindo para dar apoio aos deficientes. Segundo a literatura francesa, o cajado consistia em um objeto de dupla finalidade para os “vagabundos”, o de despertar compaixão e para se defenderem de cachorros que viessem a atacá-los. Relacionando com a literatura da época, Bronislaw Geremek cita através da obra *Lê jargon* de Oliveier Chereau “os *franc mitoux* que eram simuladores de doenças e geralmente se apoiavam em um cajado, eram também chamados de *écames*, isto é, inválidos” (GEREMEK, 1995: 166).

Em primeiro plano e no centro do pátio do hospital, encontram-se três deficientes que se apóiam em uma espécie de tábua, a figura nos dá a representação de estarem se locomovendo em direção ao hospital, através dessas tábuas. A representação desses personagens por Callot se liga a uma citação tirada por Geremek da obra *Le Jargon* que demonstra “aleijados e inválidos, sem as pernas ou paralisados, que se movem com o auxílio de

pequenas tábuas ou carrinhos, mas nas reuniões de mendigos recuperam totalmente as forças e saltam como se fossem equilibristas ou malabaristas”(GEREMEK, 1995: 168).

À direita, à sombra de uma casa, encontra-se um homem esticado em uma espécie de colchão de palha, sendo observado por dois personagens, um que se curva, nos dando a idéia de um sacerdote ministrando a extrema-unção, ao lado há um soldado portando uma espada que observa essa cena. Aos pés desse colchão de palha vimos um personagem sentado, numa posição desanimadora, enfadada, e que olha atentamente a massa de miseráveis ao centro. Uma cena que alude ao trabalho de Jacques Callot in *Lés petites misères de la guerre*, que retrata tanto mendigos, quanto soldados feridos realmente pela guerra e outros que simulavam ferimentos.

Como cenário para esses personagens, temos uma cidade. Uma cidade dotada de uma arquitetura que representa resquícios do período medieval, presentes na forma das portas e janelas e principalmente na permanência da muralha considerada como um símbolo medieval, contudo, ao fundo vemos casas transpondo essas muralhas como sinônimo de crescimento dessa cidade, que ocorre na realidade no início da era moderna.

Trabalhando com a seguinte gravura “*Capitano de Baroni*” (1622) que faz parte da coleção *Les Gueux*, de Callot, e relacionando com a literatura francesa estudada por Geremek, é imprescindível fazer uma relação entre essa figura e a “*Monarquia de Argot*” e os fragmentos tirados por Geremek das obras *La vie générale* e *Lê jargon*.



Segundo Geremek, “por volta de 1660, a vasta obra de Henri Sauval sobre a história de Paris circulava em manuscrito no meio culto da metrópole” só fora publicada em 1724, por ter alvoroçado o mundo parisiense com descrições escandalosas e espantosas. Ao estudar os

panfletos que compõem a obra *La vie générale* (1596) e *Le Jargon*, Sauval trabalhou também com a idéia de uma monarquia, a “Monarquia do Argot”.

Na Monarquia do Argot, segundo os estudos de Geremek, verifica-se que, para os escritos da época, os mendigos possuíam uma monarquia, uma organização definida como *argotiers*, consistindo em pobres encontrados nas feiras, festas religiosas e nos mercados. Há indícios de que a organização fora iniciada por estudantes vagabundos, que se juntaram com mendigos, malandros e ladrões e adoram a linguagem secreta e os costumes dos vendedores ambulantes. Com o passar do tempo os ladrões se separaram da monarquia que continuava grande. A monarquia dos mendigos, como outras, possuía um rei e uma hierarquia.

Dessa forma, a Monarquia de Argot consistia em uma organização política regida por um monarca eleito e sujeito ao destronamento pelo aparelho de funcionários ou dignitários e pelo parlamento. Assim os laços entre o rei e os súditos tinham um caráter tributário, ou seja, os súditos manifestavam sua subordinação ao poder do monarca através do tributo, havendo toda uma hierarquia dentro da organização da monarquia.

Percebe-se na gravura de Callot que o mendigo estampado em primeiro plano, carrega nas costas uma bandeira gravada “*Capitano de Baroni*”. Uma inscrição em língua italiana, em razão de Jacques Callot ter trabalhado na Itália de 1604 a 1621, pois, fez esta gravura após ter retornado a Nancy, na França. *Capitano* tem o significado capitão para a língua portuguesa. De acordo com a gravura e a literatura francesa trabalhada *capitaine* era sinônimo de capitão dos mendigos, que era responsável pela organização dos mendigos de acordo com a técnica de mendigar de cada um e que corresponderia a determinados territórios, pois “numa das obras poética menores do fim do século XV mencionam-se o *rei dos peregrinos intinerantes*, chamados vagabundos ou mandriões” (GEREMEK, 1995: 160). Nessa gravura, em segundo plano e mais à direita, pode ser visto dois mendigos que caminham paralelamente ao mendigo intitulado por *Capitano*, como se estivessem o acompanhando.

Segundo Geremek, “no século XVI prevaleceram narrativas sobre um capitão chamado Ragot, na França, o que contribuiu para que se generalizasse a convicção da existência de uma organização particular de vagabundo e de um rei. Todavia, independentemente da lenda, pode ter existido um certo tecido de fatos reais” (1995, 160). Geremek fez esta afirmação por ter pesquisado e concluído que o capitão Ragot teria procedido de Angers, de uma família burguesa, e teria escolhido a vida de mendigo se aprimorando nas técnicas a fim de obter a perfeição na mendicância. Dele falaram Rabelais, Noel du Fail e outros, sendo chamado *capitaine* e que trata dos mendigos de Paris como seus súditos, e sobre isto comenta Geremek “eis – queixa-se o capitão – que as autoridades fazem de seus doentes homens sãos, e os zanolhos, corcundas e coxos são obrigados ”a andar direito”, ou seja, abandonar a simulação (1995: 160).

Através dessa representação literária e observando a representação imagética criada por Callot, podemos ver afinidades entre ambas. Uma vez que, o “mendigo capitão” apresentado em primeiro plano demonstra algumas das técnicas de mendicância já apontadas, como o braço apoiado por uma atadura, roupas rasgadas, o chapéu com uma pena que para a sociedade francesa da época, e presente em quase todas as gravuras de Callot na coleção *Lés Gueux*, simbolizava a “profissão” do mendigo. Também é perceptível a sua face barbuda, demonstrando um sofrimento agonizante.

Para Sauval os textos retirados de *Le Jargon*, *La vie généreuse* são espécies de descrições documentais. Mas existem questionamentos sobre a existência da monarquia de Argot. Pois, ao partir do princípio de que se trata de visões literárias distintas, não devemos reduzi-las a um mínimo denominador comum, pois, não sabemos qual foi sua relação com a realidade. É preciso também, questionar acerca da certeza da existência de uma organização hierárquica dos grupos marginais, e dos elementos de observação da realidade social contidos nessa convicção. Dessa forma, o ponto de referência comum a todas as obras que tratam da monarquia, parte da organização dos vendedores ambulantes, que era dotada de rei e uma hierarquia de funções.

A Monarquia do Argot era semelhante à monarquia dos vendedores que sempre foi fiscal; ligada ao funcionamento do tesouro real e aos privilégios reais. Possuía costumes particulares, formas de vida coletiva e a solidariedade entre os homens itinerantes, além de uma língua própria. Na consideração dos contemporâneos, os mascates eram vistos como um grupo esotérico, suspeito. Contudo, existem semelhanças e distinções entre a monarquia de Argot e a dos vendedores. Quanto às semelhanças elas podem ser resultados de uma contaminação literária ou de uma assimilação dos costumes da profissão de mascate pelos da profissão de mendigo itinerante. Essa assimilação pode ser própria da realidade social, pois, o modo de vida itinerante aproximava os vendedores dos mendigos e até os misturava. E a convivência entre os vendedores e vagabundos poderia certamente levar a uma interpenetração dos costumes entre esses grupos. Vários textos literários tratam dessa questão.

Assim, a literatura francesa fornece um bom número de representações da organização interna do meio dos mendigos e vagabundos. Essas representações são vistas de várias maneiras sugerindo até uma organização militar ou estatal. Todavia, a convicção de que existe uma organização geral de toda a profissão parece ter raízes firmes na mentalidade dos homens dos séculos XVI e XVII, e sendo continuamente alimentada pela literatura popular e pela transmissão oral. Pode ser observado então que, a organização do mundo dos mendigos dispõe de estruturas coordenadas estáveis e localizadas. Tratando-se de vigaristas e ladrões que viviam da caridade, tentando conquistar a amabilidade da opinião pública, sem entrar em conflito direto com a lei. E em todas as descrições subsiste a convicção de que nesse meio há uma especialização profissional resultante de uma divisão de trabalho específica e nítida.

A obra *Lé jargon* demonstra a hierarquia existente dentro da profissão de mendigo com o pagamento de taxas de acordo com as funções ocupadas.

Mediante essa discussão, pode ser traçado, segundo Bronislaw Geremek, um paralelo do mundo dos mendigos com o mundo do trabalho, pois, em todas as descrições e argumentações sobre a especialização dos mendigos, torna-se claro a ligação entre logro e

trabalho. A especialização profissional e o uso de técnicas adequadas e dos instrumentos necessários, impõem o exame do meio dos homens da fraude com as categorias do mundo do trabalho.

Também, é preciso observar que em alguns casos, nem todos os mendigos são apresentados como vigaristas, ou seja, no interior de algumas categorias os simuladores ficam ao lado de doentes verdadeiros. Esse é um elemento que fortalece a visão da divisão do trabalho, conferindo aos mendigos uma legitimidade no exercício da ocupação de acordo com a doutrina caritativa tradicional.

A divisão interna do meio dos mendigos tinha por base os elementos de uma organização corporativa semelhantes às corporações artesanais, com existência legal, estatutos próprios e privilégios reais. A hierarquia interna da profissão se assemelhava aos princípios da organização da vida corporativa, pois, encontramos nela três graus na vida das corporações e na carreira artesanal: o aprendiz, o praticante e o mestre. Mas a estrutura da vida corporativa acaba sendo atribuída tanto aos ladrões quanto aos mendigos. Na apresentação das categorias dos mendigos vimos também que a didática de ensino da profissão de mendigo tinha por base a peregrinação.

Realizando uma analogia com a gravura “*Capitano de Baroni*” é perceptível que o mendigo representado por Callot está inserido em um local de peregrinação. Isso em razão de, em segundo plano estar estampado varias igrejas, assim como, peregrinos e mendigos que se misturam. Com isso, percebe-se um ponto em comum entre a literatura e a gravura de Callot, principalmente porque na obra *La vie générale* “a melhor organização é a dos vagabundos-mendigos, *Les gueux*”, e a coleção na qual pertence à obra “*Capitano de Baroni*”, chama-se também *Lés Gueux*.

Na representação da organização social da Monarquia de Argot o determinante fundamental da participação em tal monarquia é a mendicância, entrelaçada com o logro, esperteza e charlatanice; fora dessa monarquia ficam o banditismo, pilhagem sangrenta e a

criminalidade ligada a violência; há uma divisão social do trabalho como base da diferenciação interna; essa separação pode ser expressa através de terminologia política, as quais se superpõem os conceitos de Estado, privilégio, dependência ou homenagem e um regime das corporações das cidades. A participação dos grupos marginais na vida social e a socialização dos mesmos se realizavam na organização corporativa. Isso também confirma a ligação do mundo dos mendigos e dos vagabundos com a cidade.

É de igual importância salientar também a comunidade de língua, costumes e história desse meio, verificando que o caráter compacto da Monarquia de Argot e da organização corporativa dos elementos que a constituem é acompanhado pelo senso da unidade e solidariedade dos seus membros. Conclui-se isso através da representação literária utilizada, mas podem ser consideradas como parte da realidade. Em outras palavras, formar-se um conjunto cultural entre os grupos. Assim a consciência comunitária pode ser observada em três planos: na língua, costumes e na ideologia.

Sob um aspecto geral, literatura e imagens se inseriam no âmbito de uma moderna reforma das instituições de assistência social e serviam para dar sustentação as mudanças de atitudes da sociedade para com os marginais. A mentalidade de dar esmolas indiscriminadamente deveria cair por terra em uma sociedade cada vez mais moldada pelas práticas capitalistas, em que o trabalho cada vez mais era sinônimo de positividade. Dessa forma, ambas consistiam em instrumentos de poder por parte da elite francesa.

¹ GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia: 1400-1700*. Tr. Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.